

**Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón
Milão, 20 Janeiro de 2016**

Texto de referência: L. Giussani, *Reconhecer Cristo*, in J. Carrón, *UMA PRESENÇA NO OLHAR*, *suppl. a Passos*, Maio 2015, pp. 75-88.

- Lágrima
- Favola

Gloria

Abordamos a última parte da lição de *don Giussani Reconhecer Cristo*, e assim acabamos o nosso trabalho sobre os *Exercícios da Fraternidade*. E para o fazer, começamos com uma pergunta que me foi enviada por mail.

Obrigada por teres levado a sério a minha pergunta. Sou um estudante de Medicina e gostava de te contar o que me acontece nos últimos meses, quando os meus amigos me perguntam: «Então, como estás?». Em boa verdade eu não sei o que responder, porque não posso mentir e dizer que está tudo bem, porque isso não é verdade. Dou-me conta de desejar em cada dia uma felicidade plena, e desejo-a tanto que já não posso negar que sou assim, mas isto

Ainda bem, porque senão negavas mesmo! Mas o teu ser, a tua natureza que te é dada, impede-te de não estares à procura desta felicidade.

Sim. Por outro lado, estou encostado à parede, no sentido de que quando não é assim, claro que fico mal e digo: «Então porque é que existem aqueles momentos de felicidade em que posso dizer que posso desejar ser feliz e que este desejo não é uma coisa falsa?» E eu não sei bem como estar

...

Porque é que não uma coisa falsa? Qual foi a experiência que fizeste?

Para mim não é falsa por causa daquilo que vivi.

Exacto. Porque senão nem terias vivido aqueles momentos. A questão é como é que estes momentos se multiplicam.

Exacto. Como posso desejar, pedir que seja sempre assim, que possa viver uma felicidade plena, sempre?

Deixemos em aberto esta pergunta.

Olá.

Olá. Também tu queres ser feliz?

Sim.

O que fazes?

Estudo Letras. O ano passado, na peregrinação Macerata-Loreto, dizias: «Cristo é uma presença tão presente que nos enche de letícia, permitindo-nos viver em qualquer situação»; e dizias também, citando S. Paulo: «"Basta-te a minha graça; a minha força de facto, manifesta-se plenamente na debilidade"» (...) Por isso encontro conforto na minha fragilidade, nos ultrajes, nas dificuldades, nas perseguições, nas angústias sofridas em nome de Cristo: de facto, quando sou fraco é que sou forte» (2Cor 12, 9-10). E comentavas: «Somos pequenos, conscientes dos nossos limites, das nossas traições diárias e da fragilidade das nossas tentativas; mas somos ainda mais conscientes que foi o Pai quem nos escolheu tal como somos para que seja ainda mais evidente que a força é apenas a d'Ele». Peço-te que me expliques como é possível esta experiência e como é possível que esta dure no tempo. A mim aconteceu-me que, ao voltar à universidade depois do Verão, cheia de vida, tive uma fúria. O Verão foi espectacular e os primeiros meses na Universidade hiper-cheios, um contínuo puxa-empurra entre mim e Deus, uma coisa entusiasmante, comovente. Eu tenho muita dificuldade em dizer: «Deus», «Jesus Cristo», tanto que muitas vezes fico no vago e digo «Mistério», «aquilo que nos une», «aquela coisa». Por isso

lembro-me que dizia «Jesus Cristo» e se o dizia era porque era Ele mesmo, não era outra coisa qualquer. Mas depois, próximo do Natal, acabam as aulas e a certo ponto esta letícia e esta relação, que eram tudo, foi como se fossilizassem, e era como se eu andasse para a frente por inércia e os gestos eram só gestos, não levavam a nada, já não eram relação; eram belos, e ponto! Ou eram coisas importantes.... Não sei como explicar: eram coisas! A dada altura chegou o fastio e depois a solidão. E faz-me impressão que don Giussani defina a solidão não como a falta de pessoas, mas como a falta de sentido; eu não me sentia sozinha porque havia menos gente, mas porque tudo era casual. E a Escola de Comunidade não era difícil, porque nem me lembrava de a fazer! Não me gostava de rezar: era difícil e quase doloroso. E já não sabia como procurar Jesus. Até porque não sou do género de dizer que Ele está, se eu não O vejo. Não gosto de O adicionar porque «é Ele que fez tudo». Não via rasto do divino nos meus dias. Era só eu que fazia uma série de coisas. Até mesmo a felicidade e a certeza dos outros eram desejáveis, mas pareciam-me inalcançáveis quando eu, nas semanas antes, era a primeira a viver assim e a sentir-me explodir com esta alegria. Sentia-me abandonada, porque antes parecia que não custasse nenhum esforço viver os meus dias assim, contente por existir; mas depois, entrou o tédio e o desgosto por mim, e tudo era falso e chato. E quase que dizia que, antes, sair de casa era como ir ao encontro de um amigo – a cama continua cómoda, a casa continua cómoda, mas se vais ter com um amigo, nem sequer pensas nisto – enquanto que a dada altura nem conseguia sair da cama, como se já não houvesse nenhum amigo à minha espera.

Nenhum motivo para te levatares.

Exacto. E a minha primeira reacção foi que eu não valho nada, que é um limite meu, que é um erro meu, que já não sou capaz de ver Jesus. Vivía os meus dias em ponta dos pés, ou seja, a tentar fazer o mínimo de coisas erradas e de não incomodar ninguém. Não estava livre, e de tudo me fartava inclusive de mim própria. E se me aconteceu alguma coisa desagradável ou alguém me tratava mal, era a prova que eu estava errada. Custava-me imenso dizer isto, porque me envergonhava dos meus limites. Só que depois aconteceu-me uma coisa, e nesse dia escrevi-te sobre isso. Voltámos à Universidade e há a primeira Escola de Comunidade da minha faculdade. Impressionante: todos os que tinham falado, falaram de mim. Eu poderia ter falado, poderia ter falado por uma hora. Mas eles descreveram o meu inverno. Eram tudo pessoas que eu achava que estavam mais à frente; e, no entanto, não estavam mais à frente, estavam como eu. Não eram melhores do que eu, mas contavam os mesmos erros que eu tinha feito e a mesma fadiga que eu tinha. Mas sobretudo não me vinha à cabeça dizer que os outros estavam mais à frente ou menos à frente que eu. Esta categoria mental estava cancelada. Que grandíssima libertação! Que graça! Se eu não tenho a coragem de falar porque me envergonho pela fadiga que faço, ao menos há alguém que se quer bem a si próprio mais do que eu e lança-se a fazer as mesmas perguntas que eu gostava de fazer! Por isso não me vinha à mente o problema “mais à frente” ou “menos à frente”, “mais ou menos defeitos”. Estava ali porque havia alguma coisa mais bela e mais verdadeira que todas as minhas complicações que me atormentavam desde que as aulas acabaram. E dei-me conta de que, apesar da minha apatia e da minha dor (de mim e de tudo), eu não pensei nem sequer uma vez, de me ir embora da Igreja. E da Igreja como a vivo, ou seja, o movimento na universidade com os meus amigos, porque também não saberia para onde ir. Não vejo a hora da Escola de Comunidade. Estava certa de ter razão ao dizer que no fundo, no fundo, eu não valho nada, mas não via a hora de ter Escola de Comunidade. Por isso talvez não estivesse tão certa. Da outra vez tu dizias que se uma pessoa erra 999 vezes em 1000 E pensava: sou eu que fiz danos atrás de danos, porque se sou eu que devo fazer

Era a pensar em ti que eu tinha dito isto!

Obrigada.

«Ante praevisa merita»: em previsão daquilo o que deveria suceder.

E quando li isto comovi-me, porque eu encontrei Jesus e sinto tanto a falta d’Ele. E às vezes, até me falta a nostalgia d’Ele. Quando estou apática gostaria de dizer: onde está o meu desejo? Porque senão não me movo e sufoco nos meus mil pensamentos. E a minha oração naquele momento foi:

«Faltas-me. Quanto voltas?». E não: «Mudas-me?» Sobretudo per ceci que a memória d'Ele, d'Ele no modo como interveio na minha vida e como continua a intervir, é a minha salvação porque não me deixa negar tudo, porque não posso fingir que não O encontrei. Por isso peço-te uma mão, porque no momento a seguir já estava empenhada em tornar-me invisível, a fingir de ser um pouco melhor, e sinto-me esquizofrénica e bloqueada. Peço-te que me ajudes a perceber o que é este trabalho pelo qual uma pessoa pode amar a sua vida sem se desprezar a si próprio. Porque já me aconteceu e por isso desejo que se torne uma posição minha. Depois uma outra coisa: no dia em que te escrevi, telefonei ao meu namorado que me perguntou: «Como estás?». E eu: «malíssimo. E pensa, cheguei a escrever ao Carrón!»

Para te dar a extrema unção!

E ele diz: «Ah, então estás mesmo bem!». «Não. Isto quer dizer que tenho problemas e por isso ando por aí a perguntar porque me sinto mal». «Não, não. Eu quando estou mal, estou parado e não me faço perguntas. Quando estou bem, peço tudo». Gostava de perceber isto que ele disse.

O que é que aprendeste desta experiência? Porque disseste tantas coisas, mas a questão é se tu te dás conta do que disseste.

Perguntas-me porque é que fiquei fossilizada?

Sim. Primeiro: porque é que ficaste fossilizada ao ponto que as coisas já não te diziam nada?

Porque tudo se tinha tornado uma forma.

Tudo se tornou uma forma. Usaste uma fórmula muito bela: «Os gestos eram apenas gestos, não levavam a nada, já não eram relação. Não via rasto do divino nos meus dias». O que é que isto quer dizer? O que é que estavas a perder?

Já nada estava unido.

Já nada estava unido. Mas a primeira questão que é preciso dar-se conta é que a tua relação com a realidade se tinha reduzido. Não é que Ele está antes e depois desaparece. É que eu já não consigo ler a realidade em relação com o Mistério que a faz, a realidade não me fala deste divino presente nos meus dias. Na tua opinião, porque é que o Mistério permite estes momentos? O que quer ensinar-te (como viste depois)?

Na minha opinião, não quer que seja uma coisa sentimental.

Não quer que seja uma coisa sentimental. Porque – como te disse o teu namorado – quando tu tens a consciência da tua necessidade ... O que aconteceu quando foste à Escola de Comunidade com toda a tua necessidade?

Ouvi.

Ouviste. E tudo te falava. Apesar da imagem que tu tinhas de ti, apesar de repetires para ti própria durante dias, que não valias nada, que eras um desastre, precisamente isso foi a ferida, a fresta através da qual entrou Cristo. E tudo te falou com uma potência que te espantou, tanto é verdade que não pudeste esquecê-lo ao ponto de me escreveres: «Não via a hora de ir ali». Se o Mistério não nos poupa, isto é, porque a verdadeira questão do cominho não é que aconteça um milagre pelo qual, a dada altura, tudo se torna automaticamente entusiasmante, mas que a tua relação com a realidade seja de tal modo educada ao ponto de ver as coisas como são, com toda a sua densidade, com todo o divino dentro. Porque se tu não o vês presente, a dada altura dependes apenas das tuas emoções, e isto depois sufoca-te. Dissemos na última Escola de Comunidade que, ainda que erre 999 vezes em 1000, tu és amada. Mas tu nem sequer poderias sonhar poder comover-te diante deste facto se não pela força da experiência que fizeste, que é a documentação de S. Paulo: «Quando sou fraco, então é que sou forte». «Basta-te a minha graça; a minha força manifesta-se plenamente na fraqueza»: a questão é se nós, a partir disto, fazemos um caminho. Senão – como tu dizes – no momento a seguir estás no início, como se não tivesses aprendido nada com a experiência vivia. Este é o percurso a que o Mistério te convida, não porque nos queira dar trabalhos, mas porque Ele está sempre presente, a realidade está sempre cheia da Sua presença e tu estás sempre cheia da Sua presença, apesar de todos os erros. Mas deves inserir-te na realidade de tudo o que tocas e em ti própria, com um olhar não redutor, sem depender do sentimento que tens, porque não é que o Mistério interrompa a relação contigo; se o interrompesse, tu já não existirias, desaparecerias. Este é

o caminho que Deus nos convida a fazer para que tudo se torne entusiasmante. É isto que está em jogo. Obrigado.

Nas últimas Escolas de Comunidade, senti-me descrita em profundidade e isto fez surgir em mim um grande desejo de te agradecer pela paternidade com que me ajudas no meu caminho. Durante um tempo tive a graça de ir à Missa todas as manhãs e até tinha tempo livre durante o dia para estudar a Escola de Comunidade e outros textos. E isto ajudava-me imenso ao diálogo com o Mistério sobre a dramaticidade e a precariedade da minha vida. Depois veio um período de trabalho intenso e só tinha tempo para o trabalho e para os filhos. Então comecei a pedir: «Jesus, é preciso que eu Te veja nas coisas que devo fazer, vem Tu ali porque eu não posso mais». E Ele responde-me. Não me larga. Entro no carro com o mal-estar. De repente percebo que alguma coisa não está bem. Vou buscar o meu filho mais velho à escola e imediatamente penso que me vai irritar e que será uma tarde enervante e eventualmente triste. Naquele momento sinto o Seu olhar sobre mim e percebo que já estou a por de parte a possibilidade de bem que Ele me dá nas coisas. Naquele instante, joga-se a minha liberdade e respondo: «Caramba, já estava a eliminar tudo, mas não quero, ofereço-Te este meu medo e fadiga, vem Tu ensinar-me a amar os meus filhos, faz-me ter os olhos abertos para ver o que de bom vai acontecer». Ou então, começo a trabalhar e provo este mal-estar, uma inconsistência: «O que é que o meu trabalho poderá dar de bem ao mundo? Como posso dar um contributo positivo estando aqui, diante do meu computador, sozinha nesta sala?» E tudo se torna pedido a Ele, oferta deste sacrifício. Sinto-me libertada pelo Seu olhar. O trabalho torna-se um belo vaso onde posso por toda a minha criatividade e a minha paixão (no sentido de amor). Talvez ninguém leia a minha relação com Ele, mas aquele meu trabalho é uma expressão com que a minha pessoa dá glória a Ele, pelos talentos que me deu, e é expressão da minha gratidão a Ele. E assim poderia contar outros episódios do meu dia, em que me acontece levar a sério até mesmo um sentimento do coração, da minha pessoa, da minha humanidade. Espanta-me que Jesus o usa como um trampolim para que eu reencontre a minha relação com Ele. E naquele momento devo decidir se volto a deixar abraçar-me por Ele. Esta é a experiência da Sua misericórdia na minha vida: todas as vezes que a Sua graça, durante a banalidade dos meus dias, me dá a possibilidade de voltar a dar-me conta da Sua presença e da Sua ternura. Apenas sob a pressão desta ternura vejo que, às vezes, alguma coisa me muda, e nasce uma comoção, uma gratidão que não consigo controlar. Apesar do meu passado ter estado assente no “dever - ser”, no “dever – fazer”, um bocado moralístico, é cada vez mais evidente que o meu esforço não me leva a nada. Nunca como nestes últimos tempos me foi tão evidente a diferença entre o fazer um trabalho e o esforçar-me por fazer alguma coisa (até o trabalho). Por exemplo, durante um fim de semana, pensava nas coisas belas que me tinham acontecido nos dias anteriores, mas encontrava-me incapaz de bem diante das coisas mais queridas. E então perguntava-me: «Onde está a minha fé se não sou capaz de fazer o bem? Porque é que me aconteceram tantas coisas bonitas e agora estou triste?». Mas na segunda-feira abriram-se-me os olhos e vi que tinha pensado ser capaz, que estava a fazer tudo bem, mas tudo se joga no instante, naquele instante. E eu não tinha cedido àquele instante que eu não gostava. Esta experiência ajuizada trouxe a lume o trabalho, que não é um “dever – fazer”, porque isto torna-o pesado e depois acaba-se inevitavelmente na desilusão por não se conseguir fazer ou ser. Para mim, o trabalho tornou-se numa fidelidade ao coração, numa procura de um caminho. E Deus acaba sempre por se fazer encontrar. Vejo que tudo se joga naquele instante em que me dou conta, por um instante, do Seu olhar, em que devo voltar a decidir se Lhe digo: «Sim, bem sabes que Te amo».

Este é o trabalho, como tu bem documentaste até ao detalhe. Don Giussani dizia: uma iniciativa continua na relação com as coisas, com aquilo que tenho para fazer, onde se joga constantemente a minha razão, para que eu veja nas coisas o Tu a quem estou a responder, para que a minha liberdade responda a este modo de chamamento a que o Mistério me faz passar. Mas isto não é algo que sucede apenas no início: a questão é que se torne cada vez mais familiar este diálogo, para que tudo possa ser relação com Ele. Acabaste de dizer: «Tenho de decidir». Não há nenhum mecanicismo

nesta relação. Tudo se joga sempre no instante. Por isso o fazer não é um moralismo, mas é viver constantemente nesta relação onde tudo se joga. Um caminho.

Conto-te uma pequeníssima coisa com a qual aprendi muito. Uma noite da semana passada veio jantar uma amiga da minha irmã, que não conhecia senão de vista. Naquele dia estava tristíssima, presa e enterrada nos meus pensamentos por um exame que tinha de fazer, não tinha minimamente desejo de participar naquele jantar. Começamos a jantar e esta rapariga começa a falar de si, simplesmente, e começa a rir-se também com os meus pais. A primeira coisa que percebi foi que de repente eu estava novamente presente, não na minha cabeça, não nos meus pensamentos, estava de novo na realidade, no jantar. Percebi-o porque tinha feito tudo durante o dia para concentrar-me, para sossegar os meus medos, para mudar de posição, e não o conseguira. A primeira pergunta que me ocorreu foi: quem tem o poder e assim tanta piedade de mim para tornar-me presente no presente, para fazer-me voltar a estar presente às coisas? Porque isto é um milagre. Depois do jantar tinha de recomeçar a estudar e voltaram todas as preocupações, mas aquela rapariga, a certa altura do jantar, contara uma coisa que me tinha impressionado, um diálogo com um amigo seu. Estava muito indecisa em pedir-lhe para me explicar melhor, para contar-me, porque não a conhecia, porque sou muito tímida, e porque não queria ser demasiado intrusiva, mas, a certa altura, percebi que aquela coisa que me impressionara constituía a alternativa entre continuar com os meus pensamentos ou seguir a única coisa que tinha, ou seja, qualquer coisa que me tinha impressionado. Tomei coragem e perguntei-lhe. Nasceu um diálogo belíssimo e essencial, sem que se contassem os detalhes da vida, mas chegando ao coração das coisas com uma franqueza e uma sinceridade que me faziam falta há tanto tempo. Um daqueles diálogos nos quais o outro, sem que conheça e saiba tudo sobre ti, diz exactamente as palavras de que necessitas, um daqueles acontecimentos que correspondem exactamente, precisamente à tua espera, o acontecimento enésimo que me demonstra que existe Alguém que me salva, me tira para fora do nada dos meus pensamentos e não me deixa sozinha com eles. Ao nível de método percebi duas coisas fundamentais, que tu nos recordas frequentemente. A primeira é que tudo aquilo de que necessito para viver, para estar contente, está na realidade, mas a realidade é para ser seguida. Quando após o jantar estava de novo triste tinha uma alternativa: os meus pensamentos, por um lado, ou um facto, uma coisa que me impressionara, por outro. Esta escolha é o momento onde se joga tudo, e tive de decidir qual a coisa a seguir. O problema da felicidade é um problema de seriedade e de liberdade. A maior parte das vezes, por tantos motivos, eu escolho os pensamentos. A segunda é a importância da atenção a si e do juízo. Tu disseste-nos que cada um deve parar e olhar, deve notar as coisas que nascem em si, as perguntas, as mudanças, a alegria e a tristeza. Eu durante o jantar dei-me conta que de repente já não era prisioneira dos meus pensamentos. Perguntei-me que coisa acontecera, que coisa mudara, que coisa estivesse por detrás daquela minha mudança. Uma pessoa deve observar-se quando muda, porque muda e deve ajuizar. Este é o único modo com que as coisas permanecem, não deslizam como água entre as mãos, tanto assim que agora, à distância de uma semana destes acontecimentos, não os percebo como uma vaga recordação do passado, mas como elementos constitutivos da minha pessoa, como se tivesse acrescentado um tijolo por mim mesma. Comove-me que um facto de tal modo simples possa educar-me e ensinar-me assim tanto. Está tudo na realidade e dou-me sempre cada vez mais conta que necessito de deixar-me educar. A outra coisa de que me dou conta é a importância que tem a Escola de Comunidade: estes factos que te contei teriam acontecido na mesma, mas não os teria visto ou de qualquer modo tê-los-ia visto menos claramente. Dou-me conta que é uma lente que me permite olhar sempre mais, com verdade e profundidade, aquilo que me acontece.

Tudo se joga no nosso modo de nos relacionarmos com a realidade, porque através da coisa mais imprevista, quando eu estou fora da realidade, «de repente eu estava nela de novo»; descubro-me vivo através da presença de uma pessoa que inesperadamente vem jantar. Uma presença que – disseste – tem o poder e a piedade de repor-me no presente. Alguém que me salva e me tira para fora do nada. Isto acontece. Não sucedem visões quando alguém se deixa “arrastar” pela realidade.

Podemos ver que na realidade existe tudo aquilo de que necessitamos; tudo aquilo de que se necessita para viver e para estar contente está na realidade, mas a realidade é para ser seguida; não suportada, seguida. Cada um pode decidir seguir ou não. O problema não é seguir não sei que coisa. Que coisa seguir? Seguir a modalidade com que o Mistério nos chama – a vida como vocação –, através das circunstâncias do viver (justamente como uma coisa totalmente imprevista, que se pode descartar preventivamente porque não se espera nada da mesma). Quantas coisas que nos acontecem na vida de cada dia nós descartá-las-íamos porque não esperamos nada! Pelo contrário só estando disponível para seguir podemos dar-nos conta até que ponto Alguém, através da realidade, me tira para fora do nada. E isto sim faz que tudo se torne uma outra coisa. Em vez de permaneceres prisioneira dos teus pensamentos, comesças a estar no real e tudo aquilo de que necessitas é de ser educada para isto. O Mistério educa-nos através da realidade na companhia que nos fazemos continuamente.

Eu gostaria de fazer-te uma pergunta sobre a última parte de Reconhecer Cristo, isto é, sobre o trabalho como obediência. Por um lado, dou-me conta que me é comum pensar viver o trabalho só pelo ordenado ao fim do mês e como reconhecimento daquilo que posso fazer ou não fazer. Que o trabalho porém se torne obediência na vida, isto espanta-me, desperta-me a curiosidade e fascina-me, porque percebo que é uma posição que me poderia dar uma extrema liberdade relativamente às circunstâncias laborais. Por outro lado, não a compreendo até ao fundo, gostaria de aprofundar mais esta afirmação que faz o don Gius, porque não me parece que seja uma coisa lançada ali entre tantas e porque fala efectivamente do trabalho que tenho entre as mãos todos os dias durante oito ou dez horas ao dia, que me determina não pouco.

Obrigado. Começo a introduzir uma resposta. Na minha opinião, aquilo que é necessário sobretudo clarificar é a palavra «obediência» na sua relação com o trabalho. Porque tantas vezes nós podemos reduzir simplesmente a fazer bem o nosso trabalho. O que, evidentemente, é uma parte da questão. Mas pode-se estar, digamos, empenhado no trabalho (como se tudo dependesse da sua *performance*) e ao mesmo tempo sufocar, porque desde que começa o mês até quando chega o momento de receber o ordenado passam tantas horas... O problema é que coisa torna diferente o trabalho. E aqui entra em jogo o conceito de obediência ao qual nos introduz *don Gius*, porque o trabalho não consiste somente na deontologia (não perder tempo, ser preciso, etc.); obediência é obediência a um Tu, porque através do trabalho Ele está a chamar-me. É uma parte daquilo que estávamos a dizer, que chega até àquele ponto tão crucial para a nossa vida, para o tempo que lhe dedicamos cada dia, que é o trabalho. O Senhor está a chamar-me, pelo que o ponto é viver a realidade e as circunstâncias, e por conseguinte o trabalho, como um diálogo, como uma relação. Obedecer não é simplesmente uma coerência, mas é aquilo que torna diferente o trabalho. Como dizíamos há pouco: que se possa ser constantemente salvo do próprio nada.

Eu fiquei impressionadíssima com a frase com que termina a lição de don Gius.

Perfeito. Com isto terminamos o percurso: a frase com que termina a lição de *don Gius*. «A luta com o nihilismo, contra o nihilismo, é esta comoção vivida» (p. 88). *Fez-me muita impressão porque senti-o como um juízo formidável sobre o que vivo, sobre a minha experiência pessoal quotidiana, sobre as vicissitudes históricas que atravessamos. Parece-me que esta frase diz que a comoção por Cristo necessita da realidade, ou seja de ser verificada, vivida, para não se tornar um sentimento. Para não colaborar com o nihilismo não basta empenhar-se em fazer tantas coisas. O instante da comoção por Jesus não é sentimental quando se torna densidade de cada instante. Por exemplo, o teu artigo de Natal no Corriere della Sera para mim foi um exemplo desta comoção vivida.*

Porquê?

Porque tu te comovias com factos da realidade que eu também vejo, mas não provocam em mim aquilo que provocam em ti. De facto marcou como conteúdo, mas sobretudo pelo método que nele é testemunhado. Impressionou-me que se uma pessoa é mendicante desta comoção, ou seja, se uma

peessoa se dá conta de que o problema da vida é esta comoção vivida, então começa a reparar em quem todos os dias a testemunha. Caso contrário não o vê e estás cheio de ideias sobre Cristo, mas não te apercebes do que está ao pé de ti e ta dá novamente essa comoção. E as testemunhas, por vezes, são as mais improváveis, como por exemplo era evidente no teu artigo de Natal. Cito algumas coisas desta fase. A mudança impossível dum aluno meu com uma grave dificuldade, cujo tema impressionante foi publicado num jornal nacional. Ou então o espanto de tantos novos giessini que vieram das férias de estudo, em que os últimos a chegar tinham uma admiração pela nossa companhia que nós não tínhamos; e portanto nós só tivemos o problema de seguir aqueles que a tinham. Ou ainda um empresário (que não é católico praticante) que está a trabalhar na Terra Santa e me diz: «Eu aqui fiz uma descoberta do outro mundo! Não percebo como é que ninguém o diz, mas o cristianismo é um facto, não e uma religião, e eu com o meu trabalho meto as minha mãos dentro deste facto». Impressionou-me muito também um recente diálogo com alguns amigos, em que se discutiu muito e animadamente também os casos políticos destes últimos tempos. Eu, a certa altura, não pude deixar de dizer: «Mas, amigos, o que é que o que estamos aqui a dizer tem a ver com a última frase que don Giussani diz em Reconhecer Cristo? Parece-me que nós às vezes substituímos esta comoção, que porventura não vivemos há muitos anos, com aquilo que fazemos. E a experiência do Movimento passa a ser uma coisa a e não Alguém a quem amar. E assim podem-se fazer muitas batalhas, pode-se ir ou não ir ao Family Day, mas sem esta comoção vivida alimentaremos somente aquilo que pretendemos combater».

Como dizíamos no artigo de Natal, o último a chegar dá-nos de novo aquilo que já não vemos na realidade ou já não vemos na Igreja, no lugar onde a presença de Cristo historicamente permanece. Cristo prende-nos não apenas no primeiro instante do encontro, mas ao longo do caminho todo, pelo que, quando o cepticismo começa a emergir, a única coisa a fazer é seguir aqueles que estão tomados de espanto pelo que estão a viver. Por isso a frase final de don Giussani parece-me sintética do que é o cristianismo. E fornece-nos um critério de juízo não só para fazer a Escola de Comunidade, mas para viver o real, para viver as situações históricas, para responder à pergunta sobre qual é o nosso dever no mundo. O combate ao nihilismo é esta comoção vivida, não as coisas que fazemos.

A este propósito, quero terminar com uma carta que me mandou um amigo, que infelizmente não podia vier aqui fazer a intervenção ao vivo: «Querido padre Julián, em vista da chegada ao Parlamento do projecto-lei Cirinnà, um novo encontro em defesa da família é anunciado para 30 de Janeiro em Roma. E entre nós, pontual como um relógio suíço, desata a corrida a um posicionamento pró ou contra o Family Day, posicionamento que visa unicamente convencer a frente oposta da bondade da nossa posição. Quem é a favor é-o obviamente porque “não se pode ficar imóvel e não se pode testemunhar a própria pertença face a um governo que tenciona aprovar propostas de lei que minam os fundamentos da família”. Que é como quem diz: aquilo que o movimento nos diz está bem [aquela comoção vivida está bem], mas só até certo ponto, depois é preciso agir. Quem, ao contrário, é contra a saída à rua é-o – na minha opinião na sequência duma interpretação errada – porque “na famosa nota interna relativa à saída à rua de 20 de Junho de 2015 Carrón e o movimento aconselharam que não é preciso sair à rua”. Trata-se, querido padre Julián, dum debate que sinto asfixiante e deprimente [se nós o sentimos assim, imaginem como não o sentem os outros!], um debate que se me afigura como uma redução do meu eu que corta uma fatia de boa parte da realidade. Perguntei-me: porque é tão pouco adequado ao meu coração um debate deste género? O que sinto faltar é um juízo “verdadeiro” sobre mim e sobre a realidade». Porque é que o nosso amigo – perguntei-me ao ler este email – sente o debate em curso como asfixiante e deprimente? Porque falta um juízo verdadeiro sobre si e sobre a realidade. Depois do que ouvimos esta noite percebe-se que quando se reduz a realidade, quando não há uma relação verdadeira com a realidade, a pessoa não se vê “tomada”. E isso não é só um problema dos outros, é também nosso. Há uma modalidade de nos colocarmos na realidade que não nos deixa em paz. Por isso, vamos tentar ajudar-nos a fazer emergir este juízo, para perceber verdadeiramente o que estamos a fazer no mundo. Esclareço desde já que este projecto-lei tem muitos aspectos críticos, como observaram

comentadores reputados. Os pontos mais problemáticos e negativos são a substancial assimilação das uniões civis ao matrimónio e a introdução da possibilidade de adopção por parte de casais homossexuais. Dito isto, é preciso perguntar-se donde vem este projecto-lei. Nasce da vontade de responder a uma necessidade manifestada por algumas pessoas, um desejo humano que podemos surpreender nas mais variadas tentativas – porventura erradas e confusas, mas nem por isso menos dramáticas, como dissemos noutras ocasiões – para alcançar aquela plenitude que nenhum ser humano pode deixar de desejar e que se esconde por vezes sob roupagens contraditórias. O que está em questão é sempre o homem e a sua realização. Por detrás de cada tentativa humana há um grito de realização. O que é que isto nos diz? Como afirmava o então Cardeal Ratzinger, «trata-se do homem, do mundo. E nenhum deles se pode salvar se Deus não for apresentado de um modo convincente. Ninguém pode pretender saber completamente por que via se pode resolver este drama. Não é possível porque, numa sociedade livre, a verdade, para se afirmar, não pode nem deve buscar outro meio senão a força da convicção, uma convicção que, de resto, na multiplicidade de impressões e exigências que atormentam o homem, se forma só fadigosamente» (*Fé, Verdade, Tolerância*, Siena, Cantagalli, 2003, p. 151). Nós vivemos esta fadiga num mundo que tem dentro estes paradoxos, estas contradições; e a dificuldade que vemos é como encontrar, através da força da convicção, um modo de vencer estas variadas formas de redução do desejo, nosso e de outrem. Por isso a primeira coisa a ter é – como me escreve outra pessoa – «atenção às pessoas que reclamam estes direitos [a que nos convida constantemente o Papa], quem são? O que querem? O que é que os move? O que é que vão procurando, exigindo, clamando? Estão sentados no passeio e clamam? O que é que lhes podemos responder? Olhem para eles, toquemo-los, toquemos as suas feridas», antes de responder. Com estas pessoas e as suas feridas não temos de nos confrontar somente nós, mas também todos os que estão à espera de que a ordem jurídica resolva os dramas humanos que vivem, que responda a todo o desejo humano, incluindo o deles. Todos lemos na *Tracce* o caso do amigo homossexual que confia a amigos encontrados por acaso, que trabalha em moda, tem um bom emprego, um companheiro, só que não estava feliz mas sim inquieto: «é como se me faltasse alguma coisa, é como se vivesse a minha vida a partir duma reacção, duma defesa. Isso faz-me estar inquieto» («Vocês são especiais duma maneira normal», *Tracce*, n. 1/2016, p. 6»). Como temos dito noutras ocasiões, o ponto crítico da cultura contemporânea está precisamente na miopia com que olha para as necessidades profundas. Porque a necessidade humana destas pessoas, qualquer que seja a modalidade de resposta que escolham, continua a estar presente nas suas vidas e, quando têm um momento de familiaridade com alguém – como sucedeu com este nosso novo amigo, que entretanto morreu dum tumor –, confiam e dizem a que ponto não são felizes. Temos de compreender que os chamados novos direitos são tentativas de responder a estas situações. Mas o homem real, como vemos, não se pode reduzir por meio de formas ou leis que possamos criar. É esta a razão do seu sofrimento: que o drama que vivem fica tal e qual. Aqui está um ponto crucial para nós cristãos: teremos nós alguma coisa a dizer a estas pessoas? A solução dos problemas que a vida apresenta todos os dias, disse-nos *don* Giussani, «não acontece directamente enfrentando os problemas, mas aprofundando a natureza do sujeito que os enfrenta», ou seja «o particular resolve-se aprofundando o essencial» (A. Savorana, *Vita di don Giussani*, Bur 2014, p. 489). Então, o que é que responde à necessidade de gerar um sujeito humano? Continua a carta: «Sinto uma discrasia entre o desejo de infinito e a redução da realidade que pontualmente operamos em relação aos factos importantes da vida. Se é verdade que Jesus nos veio redimir do pecado e para curar os doentes, como doente era a hemorroíssa, eu, que fui “tocado” propriamente como aquela mulher de Cafarnaum, que contributo posso dar para que homens e mulheres que não foram “tocos” possam também eles ser “tocos” por Aquele que foi enviado ao mundo para nos tornar homens e mulheres felizes? A “rua” será uma resposta adequada a tal exigência? Ou uma vez saídos à rua a exigência continua tal e qual ao voltarmos para casa? O desafio que temos na frente é um desafio epocal». O que é que nós cristãos podemos oferecer a estas pessoas, como contributo original, único, realmente à altura do problema? Cada um de nós deve fazer-se esta pergunta, porque nós não resolvemos isto de nenhum outro modo senão verificando-o em nós. É decisivo

fazer-se esta pergunta para dar uma resposta concreta aos casos que agora nos preocupam: uniões civis (e conseqüente manifestação de 30 de Janeiro). A única resposta é o encontro que liberta o homem da redução do desejo, porque todas estas tentativas têm origem num desejo reduzido em nós ou nos outros. É interessante ver a reacção deste amigo homossexual dentro da relação de amizade oferecida pelos seus novos amigos: «“Seria bom viver o trabalho e as relações como as vivem tu e a tua mulher. [Têm uma alegria diferente que eu não tenho.] São especiais duma maneira normal. [...] É bom falar como vocês”. [...] E depois pergunta-me: “Como conseguem viver assim?”» («Vocês são especiais duma maneira normal», *Tracce*, op. cit., p. 6). Isto é a constatação do que *don* Giussani sempre nos disse, ou seja, «numa sociedade como esta não se pode criar qualquer coisa de novo a não ser com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativa que se agüente. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, enfim tudo» («Movimento, “regola” di libertà», de O. Grassi, *CL Litterae communionis*, n. 11, Novembro de 1978, p. 44). É isto que todos, como este amigo, esperam de nós. «O que falta», recorda-nos ainda *don* Giussani, «não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio. O homem de hoje espera, porventura inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas para quem o facto de Cristo é realidade tão presente que a vida delas mudou [e então vence-se aquele nihilismo, aquela redução]. É um impacto humano que pode abalar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: “Zaqueu, desce depressa, vou a tua casa”» (L. Giussani, *L’avvenimento cristiano*, Milão, BUR, 2003, p. 23-24). Aqui é indicado o método com que o cristianismo aconteceu e pode reacontecer sempre. E isto que importância tem para retirar o homem da redução do desejo onde afinal sufoca, a fim de poder começar de novo a respirar? Porque Cristo não é um ornamento da solução, mas a chave da solução! Só Cristo como acontecimento presente na experiência das pessoas é capaz de libertar o homem da redução do desejo e fazê-los desejar aquela plenitude para a qual é feito. «Seria bom viver o trabalho e as relações como as vivem tu e a tua mulher». É a origem desta «curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento do verdadeiro» (L. Giussani, *Alla ricerca del volto umano*, Milão, Rizzoli, 1995, p. 125). «Como conseguem viver assim?». Donde vem tudo isto? Sem uma experiência de libertação desta redução, qualquer resposta supostamente “concreta” será sempre insuficiente, para nós e para os outros. Por isso todos sufocamos. Porque a vitória contra o nihilismo é uma comoção vivida. Será que nos apercebemos da oportunidade única que esta história representa para o nosso amadurecimento, isto é, para ter consciência do que estamos a fazer no mundo e portanto do valor do nosso testemunho? Este é também o nosso contributo para o bem de todos, como recordou o Papa Francisco em Florença: «*Recomendo-vos também, de maneira especial, a capacidade de diálogo e de encontro [...] para construir juntamente com outros a sociedade civil. Nós sabemos que a melhor resposta para a conflitualidade do ser humano do célebre homo homini lupus de Thomas Hobbes é o “Ecce homo” de Jesus que não recrimina, mas acolhe e, pagando pessoalmente, salva*» (*Discurso no encontro com os representantes do V Congresso Nacional da Igreja Italiana*, Florença, 10 de Novembro de 2015). É daqui que se pode partir para reconstruir juntamente com os outros a sociedade civil, senão fica tudo tolhido na rede das parcialidades, dos esquemas e das contradições. Espero que estas sugestões nos permitam julgar também da utilidade da manifestação de 30 de Janeiro próximo. Dado tratar-se dum evento promovido pelos leigos, e a partir do momento em que desta vez a Igreja italiana não deu nenhuma indicação vinculativa – respeitando a liberdade dos leigos –, cada qual decida enquanto leigo o que fazer, verificando na sua experiência pessoal a razão última desta sua decisão.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar quarta-feira 17 de Fevereiro às 21:00 horas.

Iniciamos este ano com o trabalho sobre a segunda parte do texto de *don* Giussani *Porquê a Igreja*. Como vimos esta noite, a partir de todas as provocações que emergiram, a Igreja não só prossegue a obra de Cristo, mas continua-o a Ele mesmo, chamando-nos e construindo a nossa vida. Agora temos uma possibilidade de aprofundar os factores constitutivos da Igreja, assim como nos são repropostos por *don* Giussani. Por isso trabalharemos sobre a primeira parte do capítulo segundo,

que tem como título “Os três factores constitutivos” (do fenómeno cristão na história), da pag. 89 a 108.

Vimos já na introdução dos *Exercícios da Fraternidade*, como a Ressurreição era a origem daquele povo novo, como documenta o Pentecostes. Agora com este olhar podemos começar a ler toda a densidade daquele povo que somos.

Aqueles que queiram inscrever-se na Fraternidade e depois vir aos *Exercícios da Fraternidade*, recordo que devem apresentar o pedido até ao dia 16 de Fevereiro.

Como acenado na última vez, por ocasião do XI aniversário da morte de *don* Giussani pensámos tornar disponível para todos o DVD da sua lição Reconhecer Cristo que vimos nos *Exercícios da Fraternidade (2015)*. É uma ocasião preciosa para nos identificarmos com o coração do nosso carisma e oferecer a todos o seu testemunho neste ano Santo da Misericórdia.

O DVD Reconhecer Cristo sairá como anexo à revista Tracce de Fevereiro. No fim de semana 20-21 de Fevereiro faremos uma venda extraordinária em todas as nossas cidades. As secretarias que ainda não tenham reservado exemplares, devem fazê-lo rapidamente,

Este ano o Meeting de Rimini, será de Sexta-Feira 19 de Agosto a Quinta-Feira 25 de Agosto.

Veni Sancte Spiritus